

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – FAFICH**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E**  
**ANÁLISE EXISTENCIAL**

**BRUNA CAETANO SEREJO**

**TORNAR-SE MULHER E MÃE: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL**

**BELO HORIZONTE**

**2022**

BRUNA CAETANO SEREJO

**TORNAR-SE MULHER E MÃE: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-Terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientador: Dr. Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista

BELO HORIZONTE

2022

150	Serejo, Bruna Caetano.
S483t	Tomar-se mulher e mae [recurso eletronico] : um olhar fenomenológico-existencial / Bruna Caetano Serejo. - 2022.
2022	I recurso online (25 f.) : pdf
	Orientador: Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista.
	Monografia apresentada ao curso de Especializa ao em Psicologia Clinica: Gestalt Terapia e Analise Existencial - Universidade Federal de )Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciencias Humana.s.
	Inclui bibliografia
	1.Psicologa. 2.Mulheres. 3.Matemidade. I. Evangelista, Paulo Eduardo Rodrigues Alves . II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciencias Humanas. III. Titulo.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS FACULDADE  
DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Folha de Aprovação  
TORNAR-SE MULHER E MÃE: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL  
**BRUNA CAETANO SEREJO**

monografia defendida e aprovada, no dia **dez de dezembro de 2022**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista - Orientador FAFICH/UFMG

Maria Madalena Magnabosco

FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 29 março de 2023. Prof<sup>ª</sup>.

Dr<sup>ª</sup>. Claudia Lins Cardoso Coordenadora

do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Valteir Gonçalves Ribeiro, Chefe de seção**, em 29/03/2023, às 10:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Lins Cardoso, Professora do Magistério Superior**, em 29/03/2023, às 12:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2186381** e o código CRC **96F310B4**.

## **AGRADECIMENTOS**

Aqueles que me apoiaram, questionaram e contribuíram para que eu tivesse em minha existência a possibilidade do questionamento e da reflexão e que estão comigo em minha caminhada de vida e acadêmica.

À minha mãe, que antes que eu me torna-se mãe, tornou-se ela uma mãe possível e amorosa, contribuindo para minha construção enquanto mulher.

À minha família e amigos, em especial à minha filha, que corroboram para que eu não sucumba enquanto mulher e mãe.

## RESUMO

Buscou-se com a presente pesquisa, a compreensão e ampliação do olhar diante daquela que em sua abertura de mundo, se torna mulher e mãe, colocando luz em aspectos relevantes para tal compreensão. Tal busca passa pela compreensão do constante movimento da mulher ao tornar-se mulher e mãe sob o olhar da fenomenologia-existencial, perpassando por movimentos culturais opressores e achatadores de si enquanto existência, dando luz à presente pesquisa. Num primeiro momento, tal pesquisa fora guiando-se através da busca pela compreensão de existência com base na fenomenologia existencial de Martin Heidegger, assim como autores da psicologia fenomenológico-existencial, pensando o ser enquanto abertura existencial e a mulher como aquela que se colocando como presença em sua vida, desvela-se para si mesma e seu movimento de constantemente tornar-se mulher, costurando uma linha de pensamento sobre o que seria então a mulher diante a ótica dessa abordagem, estendendo o olhar para essa mulher e seu entorno, como a cultura onde está inserida, os modos de enxergá-la historicamente nesse contexto e na atualidade; e por fim o que seria o vir a ser desta mulher em sua existência enquanto mãe, como a fenomenologia existencial percebe esse movimento constante de vir a ser enquanto ser em movimento em relação consigo, com o outro e com as coisas.

**Palavras-chave:** mulher; maternidade; fenomenologia existencial, psicologia existencial.

## **ABSTRACT**

The aim of this study was to understand and broaden the perspective regarding the experience of women as they become mothers and enter a new world, shedding light on relevant aspects for such understanding. This quest involves an understanding of the constant movement of women as they become mothers under the lens of existential phenomenology, encompassing oppressive cultural movements that flatten their existence, and providing insights for this research. Initially, the study was guided by an exploration of existence based on the existential phenomenology of Martin Heidegger, as well as authors in phenomenological-existential psychology, considering the human being as an existential openness and the woman as a presence in her own life, revealing herself to herself and constantly becoming a woman. This perspective is used to develop a line of thought about what it means to be a woman from this approach, extending the focus to include the woman and her environment, such as the culture in which she is embedded, the historical and contemporary ways of seeing her, and finally, the process of becoming a mother as perceived by existential phenomenology. This constant movement of becoming is seen as a process of self-relation, relating to others and to the world.

**Keywords:** Women; maternity; existential phenomenology; existential psychology.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DE EXISTÊNCIA.....	15
3. TORNAR-SE MULHER DIANTE DA FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL.....	18
4. A MATERNIDADE COMO MODO POSSÍVEL, NÃO RESTRITIVO, DE SER MULHER.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27

## 1. INTRODUÇÃO

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. (Beauvoir, 2019, p. 11)

A ideia de abordar o tornar-se mulher e mãe de uma forma acolhedora partiu de uma necessidade minha enquanto mulher, psicóloga e mãe, de integrar em mim esses modos de ser em relação. Minha experiência me levou à pergunta: quando é que se torna mãe? Isso porque ninguém nasce sendo mãe.

E “o que é ser mãe?”, se a mulher nasce enquanto ser biológico, por determinação fisiológica por ter ovário e possibilidade de reproduzir um outro, e não enquanto aquela que é “mãe”. Sinto na minha vida que tornar-se mãe vai se construindo aos poucos, como cada parte de uma casa, onde cada ambiente vai “nascendo”. A casa não está lá pronta, e se está lá prontinha para entrar, antes de tudo, alguém iniciou com um tijolo, com a massa, do início. Será ser mãe o constantemente tornar-se mãe, vir-a-ser mãe?

Eu era uma mulher sem filhos, que sempre pensava em ter filhos. Quando me descobri grávida, lembro da sensação que não veio imediatamente: não me senti mãe naquela hora, com o exame beta HCG<sup>1</sup> marcando uma quantidade altíssima. O sentimento de ser mãe foi chegando com o avanço da gestação. Lembro de um momento marcante quando minha obstetra, que me acompanhou durante todo o pré-natal, até eu completar as 41 semanas de gestação e conseguir ter o parto tão esperado, que era o parto normal, euforicamente dizia para mim que minha filha nasceu e me mostrava de uma distância de menos de 1 metro antes de passar para as enfermeiras, para que fizessem as medições e avaliações. Lembro desse momento de minha filha recém-nascida chorando alto.

---

<sup>1</sup> Exame laboratorial dosagem de gonadotrofina coriônica humana (HCG, BETA HCG ,hCG). O teste de hCG qualitativo na urina ou sangue é solicitado cerca de dez dias após a ausência da menstruação na data esperada e se uma mulher deseja confirmar se está grávida ou não (alguns métodos podem detectar o hCG ainda mais precocemente, uma semana após a concepção).

Então, a recém-nascida neném chorava e a recém-nascida mãe chorava de emoção. Ali fez-se clara a necessidade de existir enquanto mãe, de

---

relacionar-me com aquela bebê enquanto aquela que podia ser para ela; suporte e sustentação minha e dela.

Inicialmente, foi um susto ao descobrir que me tornaria mãe, mesmo que fosse algo que eu queria para a vida. Saber que me responsabilizaria pela vida de outra pessoa – ainda que não soubesse que pessoa seria aquela –, por mais que fosse o que eu sempre quisera, foi um susto. Questões sobre como seria a experiência, como se construiria essa relação, só foram se acalmando com o decorrer da gestação.

Poder ser mãe não somente na descoberta da gestação como possibilidade para a mulher que planeja a maternidade ou mesmo para a mulher que não a planejou, e descobriu que seria mãe dentro de alguns meses, mas o poder ser na fenomenologia existencial trata do horizonte de possibilidades que se abre a cada ser-no-mundo. Poder ser mãe. Essa é uma das possibilidades da mulher, não uma configuração da mulher já dada, que ela traz consigo no seu existir. Mas pode vir a surgir como possibilidade enquanto mulher existindo no mundo, enquanto aquela que eu quero vir a ser, que sou eu, que é minha existência.

Ao tornar-se mãe, aquela que buscou a si mesma nesse caminho, ao relacionar-se com seu filho de um jeito próprio, apropria-se de sua história, de sua essência e busca de sentido existencial. Uma construção de intimidade entre essa mãe e esse outro, que até que estivesse somente dentro da barriga daquela mulher, o que existia era somente a dúvida: Quem era essa criança que viria ao mundo? Quem ela viria a ser? Que voz teria? Como seria a relação mãe e filho?

Ser si mesmo envolve presença, envolve possibilidades, assim como essas possibilidades terão de ser escolhidas, buscadas, elas não estão dadas, ou já foram escolhidas e só caberia ao ser, ser um determinado, somente ser alguém que já fora pensado, estruturado, que já cabe um modelo. Ser si mesmo é como um horizonte de indeterminações, de estranheza, de liberdade de olhar

e escolhas, que pode trazer obstáculos nessa busca de si mesmo. E não havendo outro caminho a não ser esse, de redemoinhos, valas, subida íngreme, escalada, calor, frio, mas também de risadas, solidariedade, afeto, cura, cuidado.

Segundo a expressão mais erudita: a observação psicológica – seja um dos meios que nos permite aliviar o fardo da vida, que o exercício dessa arte proporcione presença de espírito em situações difíceis e distrações num ambiente enfadonho, que mesmo das passagens mais espinhosas e desagradáveis de nossa vida possamos colher sentenças, e assim nos sentir um pouco melhor: nisto se acreditava, isto se sabia - em séculos passados (Nietzsche, 2005, p. 41).

O caminho será construído com liberdade de horizonte de escolhas e essa liberdade traz vazio, no sentido de que algo ainda não faz sentido, para então passar a fazer sentido para o ser. Como uma fruteira ainda sem frutas, passa a ter frutas a medida em que faz sentido tê-las ali. Essa amplitude de escolhas das possibilidades existenciais é um caminho por onde se vai descobrir quem se é, na prática, escolhendo, compreendendo a si mesmo e suas escolhas. São elas que falam a mim no espelho quem sou.

Aquela mulher que se tornou mãe e faz suas escolhas enquanto mulher sendo a mãe que é, encontra-se consigo mesma a cada escolha feita, a cada caminho traçado. Encontra si mesma em cada gesto com seu filho, seu jeito de ser vai aparecendo para ela à medida em que vai se reconhecendo enquanto mãe e passando pelos caminhos que dizem sobre as escolhas, possibilidades que se vai escolhendo, como escolhas não numa visão dicotômica, entre somente boas e ruins, mas escolhas abertas, como aquelas que vou escolhendo e que podem ter caminhos espinhosos, tortuosos, plano, íngreme. E assim como há aqueles que escolhem subir um monte pela escalada e treina seu percurso, treina seu fôlego, sua exaustão, a energia gasta até lá no alto, há aquele que se vê ao pé do monte impossibilitado de qualquer que seja sua escolha no morro, subir, chegar perto, há também aqueles que não tem intenção de escalar, sequer pensam nessa possibilidade, mas querem cultivar algo ao pé do morro.

A mulher, ao tornar-se mãe, vai poder fazer suas escolhas como puder, como enxergar a si mesma. A maternidade, que para si faz sentido, conhecer seu filho e também as escolhas deste como aquele que é um outro.

Outra pergunta marcante ao longo da gestação e após o nascimento é: quem é esse que vem enquanto outro, o filho(a)? Aquele outro, sempre será outro e assim,

sempre será novo no gesto, no jeito, no olhar, na própria relação com aquela mulher que também será outra.

O corpo da gestante muda; hormonalmente, nos tornamos outra, a barriga cresce à medida em que o bebê cresce e se desenvolve, assim como a barriga passa a movimentar com esse crescimento do bebê. Lembro de uma folha de samambaia já muito frágil, caindo do caule, bem num momento em que eu a olhava, e aquela folha me fez desabar em lágrimas, hoje talvez isso faça mais sentido, não era só uma folha de samambaia que morria, era eu que morria para dar vida a outra mulher. A samambaia em si reviveu depois de um tempo, assim como eu ia renascendo outra, em outro corpo, com uma barriga que se mexia sozinha.

Nesse ponto, dá uma ideia de amadurecimento, pensando na palavra amadurecimento como aquela que necessita escuta, e nem sempre a escuta do outro somente, não é a mãe de ouvidos atentos às necessidades do filho, mas a essa escuta interna do que aqui dentro de mim, eu mulher, eu que tornei-me mãe fala comigo, grita, chora, implora ser ouvido, ou mesmo que fale pausada e calmamente sobre mim mesma, ou seja, um amadurecimento como uma iluminação, que vai clareando os espaços, vai sendo clareira para que aquela mulher vá iluminando cada pedaço de caminho construído, entre ela e ela mesma, mas também entre ela e o outro, que é o filho.

Essa clareira pode pegar fogo também, pegar fogo no sentido de quase separar aquela mulher dela mesma, no sentido de abrir uma rachadura de quem sou eu que estou aqui, que vim parar nesse espaço, nessa relação e não se encontrar com ela mesma, não conseguir clarear essa que chega, que é ela mesma, mas que também já não o é. Para ser mãe não haveria um ideal de mãe, mas uma construção do ser mãe única, necessitando de sustentações, quase que como sustentação vertebral, que possa vir a sustentar si mesma enquanto agora várias, mulher e mãe e um outro enquanto relação.

Penso, a partir dessas experiências e enquanto inicio esta monografia, que Mãe não é uma divindade, mas uma mulher em novas transformações e possibilidades existenciais. Afinal, tornar-se mãe, é relacionar-se com um outro.

Quando falamos sobre relacionar-se com outro, estar com um outro que não só eu mesmo, estamos pensando no quanto, quando só eu mesmo experimentando algo, já surgem infinitas ideias, imaginações, possibilidades, interações entre eu e minhas fantasias, anseios. E a amplitude que salta de tantas quantas aquela mulher sonhava, e agora junto com um outro, pula aos olhos o dobro de experimentações de ideias,

fantasias, possibilidades. Tornar-se mãe nesse sentido é relação, interação, contato, aproximação. Como outras relações, é construção dialógica, seja entre amigos, adultos, crianças, seja na construção e amadurecimento que vai ganhando território junto aos cuidados que mantenho comigo e com um filho.

Além de mulher e mãe, faço-me cada dia psicóloga. Por vezes, na clínica, há relatos angustiados sobre a mulher que eu era e estou buscando de novo dentro de mim. E pode ser um processo tão doloroso que essa mulher nem consiga vivenciar ela mesma, nem a de antes, nem a de agora, quando tornou-se mãe, nem o relacionamento que tem, ou se finalizou, que tinha, nem a relação com o filho que chega.

Imagine que ao ver um filme de suspense, me sobem inúmeras sensações fisiológicas, como frio na barriga, desespero, arrepio, calafrio, vontade de sair correndo, falta de ar. Agora essa cena é real, há aquela mulher que acorda e se dá conta de tudo que vem juntamente com aquilo. Lembro de uma paciente com uma filha de seus 4 anos, uma mulher na sessão pouco disponível para si, pouco clareava a si mesma, feixes de luz clareavam seu marido, sua filha, seus cachorros e sua casa. Mas aquilo já lhe causava raiva, angústia, dor. Aquela dor não era sobre a carga do dia a dia com a casa e a filha. Era também, mas essa carga era sobre quem eu sou agora. Quem eu sou hoje, quem é essa que me olha no espelho, que a cada dia vem cheia de experimentações, mas que não consegue vivenciar quase que nenhuma destas.

Numa sessão online com esta paciente, sua filha apareceu próxima a câmera, de frente com a psicóloga e usava uma tiara toda de paetês. A tiara chamava atenção, na mesma proporção que a garota também queria a atenção, mas era da mãe. Quando a mãe imediatamente faz a filha “falar menos” e logo sair dali. Essa mãe, era uma mulher muito vaidosa, principalmente com suas unhas, que antes trabalhava como manicure. E cada vez menos passava a se olhar, passava a querer cuidar de si mesma, da filha, da casa. Cada vez menos essa mulher se dava voz, afinal, quem era ela para ela mesma? Essa imagem havia se perdido, havia perdido o sentido que um dia tivera.

Dentro desse processo de não percepção de si mesma, ela foi clareando outras coisas, apagando-se a luz da atriz principal daquela peça que era ela quem protagonizava e foi dando luz ao marido. Um homem pouco colaborativo dentro de casa, segundo ela mesma, de difícil escuta quanto as dores dessa mulher. Quando essa mulher vai percorrendo esse caminho nessa escuridão de si mesma, como quem vai à noite no jardim com uma lanterna procurar seus óculos, pois não sabe onde deixou.

É nesse momento que essa mulher se dá conta do que ela estava iluminando, ao olhar para o marido e sentir aquela raiva do não apoio, da não oferta de cuidados para com ela, de não estar ali para acolhê-la quando ela estivesse a entrar em conflito. É que ela percebe seu conflito interno, o perder-se de si mesma, o não se reconhecer em si mesma. É quando ela percebe que as broncas na filha, ou seja, na relação que ela estava agora a construir, não era sobre bagunça, sobre brinquedo no meio da sala, mas sobre um processo de apagamento de si mesma, sobre o não vivenciar a si mesma enquanto pessoa havia virado quase que a rotina da casa. Foi-se dando conta da casa, da filha, da escola, dos cachorros, até do adulto (o marido) e chegou na idealização da mulher que ela acreditava que era ser mãe. Longe do que ela quisera experimentar quando pensava em sua própria mãe. Aquela que era distante emocionalmente, mas que ainda assim ela amou muito, mas que sempre pensara em fazer diferente. E quando se dá conta em sessão que sua filha e ela conviviam, e percebe uma obstrução no caminho até a garota. Se vê impossibilitada a fazer de outra forma. A relacionar-se com a filha de outras formas.

Até o dia que essa mulher e mãe experimenta sua filha de outra forma. Não se escondendo no banheiro para chorar, sentir raiva. Mas numa sessão chora, e sua filha vem secar suas lágrimas. Ali abriu uma ponte, uma ponte que cabia mulher, mãe e filha. Uma ponte que levava uma dor a outra, uma dor de uma mulher que ao se ver perdida de si mesma, se perdeu de suas possibilidades e uma filha que não está conseguindo compreender do que se trata essas dores. E nessa comunicação não verbal, de secar as lágrimas da mãe e mulher, essa mulher e mãe, acessa esse caminho que pode fazer com, com o outro, com apoio, com suas dores, com-partilhando, compartilhando quem ela é com a garota. Aquela que chora, que ri, que sente. E com isso vai sendo possível ver um caminho sendo construído a duas, uma garota e uma mulher adulta, encontrando onde cada uma cabe nessa relação. Dando espaço para que ambas possam vir-a-ser, possam encontrar a si mesmas nessa troca que não tem guia que mostre o caminho ou atalho. É uma viagem e a pé.

O ser a pé não é sobre ser cansativo, penoso, mas sobre ser pé por pé, ser um trabalho artesanal, de longa duração, sem atalho.

Nesse tornar-se mãe, ela traz de volta, antes de qualquer coisa, ela mesma. Para se relacionar com o outro, como um filho, eu trago à tona, eu resgato a mim, para poder trazer o outro para se relacionar com este. Daí o sentido de ser construção, cada um traz si mesmo, cada pedaço resgata sua parte, se une, expande, contrai, conflita. Do conflito nasce também, pois conflito não é fechamento, não é sobre paralisia. Pode ser

choques que trazem à tona um renascimento de ideias. Por ser relação, não há como a mulher ser mãe, sem antes ter a relação com seu bebê, com seu filho, apreender um universo materno antes de tornar-se mãe.

O processo também pode ser de mais calma, com rede de apoio, seja a família, atendimento com a saúde, seu relacionamento, pontos que podem vir a ofertar sustentação para a mulher que está a passar por seu processo de vir-a-ser-mãe.

Vivenciar o luto de que aquela mulher talvez não possa vivenciar mais, mas encontrar nas novas possibilidades, que, às vezes, essa mulher não encontra, não por estar perdida, mas seu processo se deu dessa forma, não como uma sentença, mas o olhar para dentro, o olhar para suas vivências, possibilidades de novas ou não vivências, não encaixa com nada que aquela mulher vê sentido.

E então era eu, mulher, mãe e psicóloga, acompanhando o tornar-se mãe de uma cliente. Pé após pé, caminhamos juntos, pois não há caminho pronto. Experiências tão próximas – semelhantes sob muitos aspectos, mas tão diferentes por outros. Daí a inquietação que já me habitava fez-se pergunta de pesquisa: “o que é ser/tornar-se mãe?” Mais especificamente, procuro respostas na psicologia fenomenológicoexistencial, que enfoca a existência como um processo de constante tornar-se e vir-aser, realizando modos de ser-no-mundo por quais realiza uma história e uma biografia.

Assim, nasceu a pergunta que orienta esta pesquisa e que inscreve seu objetivo geral é: “como a psicologia fenomenológico-existencial compreende a maternidade?”. Como objetivos específicos, pretendo 1) explicitar a compreensão fenomenológicoexistencial de existência, 2) explicitar o modo como o ser-mulher é tratado nessa abordagem, 3) indicar a maternidade como modo possível, mas não restritivo, de ser mulher.

## 2. COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DE EXISTÊNCIA

Compreender a existência com base na fenomenologia-existencial de Martin Heidegger (1889-1976) significa articulá-la com a questão principal para o filósofo, que é a busca pelo sentido do ser. E quando falamos do ser, falamos na obra de Heidegger, *Ser e Tempo*, que explicita o sentido do Ser, como *Dasein* ou ser-aí, significando ser-no-mundo, existindo no mundo enquanto possibilidade.

Há uma redundância no conceito de existência, pois o ser existe e, existindo, só existe, sendo si mesmo. Ser presença é ter de ser no mundo entre as coisas. As coisas não existem, elas são. Só são, pois há um ser-aí que as pensa e se relaciona com elas, de modo que existem através dos significados que a existência dá a elas. Sem a existência, elas deixam de ser o que elas são. A linguagem tem papel fundamental nisso, pois o que as coisas são tem a ver com o que significam. Também a existência é como se significa e é significada pelos outros.

Como uma mulher que se torna mãe, relaciona-se com sua gestação através dos significados que atribui à gestação, diferentemente, por exemplo, de um cachorro que não se relaciona com uma cadeira como as existências (não a compreende como “cadeira”), que a significam e nela se sentam, mas o animal pode roer as pernas dela. A gestação humana é diferente da gestação do cão, pois a gestante humana vivencia a gestação com muitos significados.

Para a fenomenologia existem verdades, existem muitos modos possíveis de existência, já que a existência se relaciona e o tempo todo é tomada por aquilo com que entra em contato. A essência do ente, segundo Heidegger, está em ter de ser (Heidegger, 2012, p. 85). Quando alguém nasce, ele tem de ser alguém, e mesmo quando alguém diz que deixará a vida o levar, ele assim mesmo já está se conduzindo em seu existir, sendo tocado por tudo que está em constante contato no mundo. Para a psicologia fenomenológico-existencial, há uma suspensão de termos, de significados padronizadores de comportamentos, para que os significados que o paciente traz de sua história, de sua vivência possam

emergir. Como pontua Evangelista (2016) compreender um outro, é buscar esse ser na atualidade, assim como ele em sua história e vivência.

A fenomenologia seria um termo usado na filosofia para denominar um método de investigação, sendo o estudo dos fenômenos em si mesmos, isto é, de tudo o que aparece no mundo em relação com as existências.

A fenomenologia é a via de acesso e o modo de comprovação para se determinar o que se deve constituir tema da ontologia. Ontologia só é possível como fenomenologia. (Heidegger, 2012, p. 75)

Para Heidegger, o ser relaciona-se, experimenta os fenômenos o tempo todo, não podendo não fazer parte deles ou estar fora deles, mas, sim, entre o ser e o outro, as coisas, ele mesmo.

Num pensamento crítico, Nietzsche, na obra *Humano, demasiado humano* (2005, p. 107), elucida um momento da existência não como o vir a ser, mas como o pré-moldado, como algo que “brota magicamente do chão”, como algo que foi dado, que parece perfeito, que não fora construído pelo ser, mas que surge repentinamente sem que alguém precise ter vivido algo. Imaginemos isso no lúdico do Natal, onde os presentes “brotam” na casa das famílias por uma figura que, a partir de certa idade, reconhecemos não ser possível que exista sem que alguém exista nessa presença de um “bom velhinho” que sairia distribuindo presentes a todas as crianças que tivessem sido “boas”. Em contrapartida a ideia de pensamento naturalizante e fechado, é sobre aquele que vem a ser, Evangelista (2020) coloca o Dasein, o ser-aí, como aquele que ontologicamente significa existência como possibilidade.

Ser da presença, ser de possibilidades elucida o que é vir a ser existência, não como algo que é concretamente, como algo que está dado, mas como aquele que pode vir a ser o que fizer sentido para o ser. Existência. Estar em aberto, contrapondo-se ao que está pronto, acabado. Poder ser aqueles olhos (lá longe) que cerram para enxergar mais claramente alguma coisa que se mostra, para que eu não encerre meu ponto de vista somente a partir daquilo que meus olhos me mostrarem que aquilo “é”, mas que a minha vista possa ser

um constante caminhar, já que eu sou os meus olhos, me relacionando com aquilo que vejo e compreendo, que ora se mostra para o ser, mas pode também encobrir-se. Existência como indo, como percurso, como estrada a pé num caminho sempre desconhecido a ser desvelado. Um caminho que se torna clareira, quando se mostra para o ser de possibilidades e aquele que é si mesmo.

Alguma coisa se tornar clareira, diz sobre aquilo que estava antes ocultado. Que não se podia ver, que não estava ali, pelo menos não para a existência, mas que pode vir a se presentificar em algum momento. Se presentificar como algo que dentro das possibilidades do ser fez sentido emergir. Pensemos a mulher que ao longo de sua existência se tornou mulher e construiu-se mãe, que antes podia estar ocultado sua presença como mãe, até que pensando sobre si mesma, sobre suas possibilidades, encontrou sentido nesse caminho chamado maternidade.

Hannah Arendt (1906-1975) sobre a condição humana, fala em “seres condicionados”. Afirma: “...porque tudo aquilo com que eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência” (Arendt, 2020, p. 11).

E tenho de ser no mundo, já que lançado no mundo tenho de ser e já estou sendo no mundo, dando sentido para as coisas. Para uma pessoa uma cela / quarto de hospital psiquiátrico, por exemplo, é apenas uma cela, um quarto. Para Arthur Bispo do Rosário foi ateliê, ali se produzia arte, se significava existência.

Para a mulher, tornar presença, o sentido de ser mulher e mãe vem com sabor, vem com sentir-se junto a.

### 3. TORNAR-SE MULHER DIANTE DA FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL

Não é possível pensar a mulher, aquela que se torna mulher em sua existência, em sua compreensão de mundo e de si mesma, sem pensar nas questões relevantes sobre onde a mulher está inserida, seu contexto cultural, social, econômico, levando em conta o papel da mulher na cultura que ela faz parte. Já que pensar alguém não é possível pensar alguém disperso, solto no mundo, neutro em sua vivência e relações.

No pensar a compreensão da mulher sendo mulher, podemos pensar nas formas de opressões que a ameaçam enquanto existência nesse mundo. Opressões dos mais variados níveis, do sutil ao explícito, sutil como aquela que nem sempre vemos como algo degradante. A falar nesta ideia do sutil, o patriarcado, por vezes é um termo subjugado como uma ideia que precisa ser contida, abafada, escondida aos olhos, como se fosse algo agressivamente perturbador àquele que ouve. Beauvoir (2019) aponta que com o patriarcado, a mulher fora colocada em um lugar de dependência do homem, sendo considerada o “Outro”, como um sexo secundário, servindo aos interesses destes. Logo, cabe a ideia de que é um termo subjugado, já que da concretização do patriarcado, o que seria o responsável pela perpetuação do patriarcado, perderia seu lugar de privilégio “conquistado” através de opressões. Sobre essa perpetuação do patriarcado servindo os interesses dos homens, Beauvoir afirma:

Desde que o sujeito busque afirmar-se, o Outro, que o limita e nega, élhe, entretanto, necessário: ele só se atinge através dessa realidade que ele não é. Por isso, a vida do homem nunca é plenitude e repouso, ela é carência e movimento, é luta. Diante de si, o homem encontra a Natureza; tem possibilidade de dominá-la e tenta apropriar-se dela. Mas ela não pode satisfazê-lo. (Beauvoir, 2019, p. 199)

Logo, podemos pensar que para que esta mulher seja protagonista em sua vida, em suas escolhas como ser mãe, querer casar, saber quem se é, encontrar a si mesma, não é possível não pensar nos modos que a aprisionam e retiram dela o olhar crítico sobre seu protagonismo e que a achatam em sua

existência. Badinter (1985), apontando a mulher casada e com filho dentro de uma sociedade que exalta o homem, afirma acabar por colocar mãe e criança num mesmo nível, como uma desmoralização dessa mulher e mãe.

Essa seria a dessintonia que o patriarcado perpetua nas relações, e o feminismo busca compreender para pensá-lo sob outra ótica que não seja perversa para a mulher e tampouco para o outro que é o homem, afinal o feminismo busca compreensão pelos sexos de seu ônus e bônus, e não que se perpetue rinchas de gênero que não fazem sentido pensá-las, Beauvoir nessa linha coloca que:

Pode-se dizer também, numa outra linguagem, que o homem atinge uma atitude autenticamente moral quando renuncia a *ser* para assumir sua existência; com essa conversão, ele renuncia também a toda posse, porque a posse é um modo de procura do ser; mas a conversão pela qual ele atinge a verdadeira sabedoria nunca se completa, é preciso fazê-la sem cessar, ela reclama uma tensão constante. (Beauvoir, 2019, p. 200)

Nessa compreensão, seria uma busca pelas liberdades, onde ambos os sexos fossem capazes de viver e conviver com sua liberdade e a do outro, sem que um sobreponha-se ao outro.

Por vezes, alguns termos foram colocados como assuntos ligados ao feminismo, de fato o é, mas é outro termo ultrajado. Não pensando criticamente em seus reais significados, vão se criando estereótipos para aqueles que o pensam. Quando numa busca pelo sentido de suas próprias vidas, a mulher buscando a si, conhecendo quem se é, acaba por esbarrar nestes termos, quando revisita suas dores vividas nas relações, seja quando se torna mãe, nessa relação com um filho, ou mesmo quando se encontra dentro da clínica psicológica, lidando com questões existenciais que a atravessam o tempo todo. Como podemos falar em tornar-se mulher, pensando que esta se constitui num horizonte de possibilidades de si mesma, trazendo a mulher do ponto de vista fenomenológico-existencial como aquela que não é, até que venha a ser, e em meio a buscar seu próprio sentido encontrar-se envolta a significados culturalmente perpetuantes, atravessadores de sua horizontalidade existencial.

A exemplo disso, uma mulher tornando-se mãe transpõe barreiras culturais diante da amamentação de um filho, como ser julgada pelo tempo que decide fazê-lo (o que não é tema do trabalho apresentado, mas que perpassa pelo tema do tornar-se mulher e mãe) e como esta compreende a si mesma como suas escolhas e busca por suas satisfações enquanto sujeita de si mesma.

O papel que a mulher ocupa na sociedade não é o mesmo quando pensamos numa linha do tempo, mais ainda quando pensamos na mulher que deseja ter filhos. Ao longo do tempo essa compreensão da mulher pensar si mesma vai ganhando espaço em autoras feministas.

O quanto esse tornar-se mulher vai ganhando mudanças significativas em termos de autonomia, liberdade de expressão, financeira e de trabalho, que antes era historicamente um papel exercido pelo homem. Vemos ao longo do tempo, essa mulher se tornando ela mesma sua provedora e suporte para si mesma. Como uma contraposição às opressões e numa reflexão sobre movimentos de se fazer ser no mundo e suas formas de poder, essa busca por si mesma e por seus desejos mais íntimos e suas realizações pessoais darão força para que a mulher contemporânea adentre esse enredo e se coloque como protagonista de sua existência. Lorde, escritora negra, feminista e ativista, em seu texto *Usos do Erótico* (1984) aponta sobre formas de poder da mulher, como:

Há muitos tipos de poder, usados e não usados, reconhecidos ou não. O erótico é um recurso dentro de cada uma de nós, que paira num plano profundamente feminino e espiritual, firmemente enraizado no poder de nossos sentimentos impronunciados ou não reconhecidos. Para se perpetuar, toda opressão deve corromper ou distorcer aquelas várias fontes que há na cultura de oprimidos e podem suprir energia para mudança. Para mulheres, isso tem significado a supressão do erótico como fonte considerável de poder e informação dentro de nossas vidas (Lorde, 1984, p. 53-59).

A mulher no mundo como presença vai se constituindo historicamente mulher, buscando si mesma em quem ela se torna a cada vez ela mesma, se relacionando consigo mesma, com os outros e com as coisas. Fazendo algumas considerações sobre a clínica daseinsanalítica, citando um livro de Clarice Lispector, Evangelista (2007) aponta para o Dasein, o ser-aí como este que se

relacionando consigo, os outros e as coisas se coloca numa “tríplice abertura” característica fundamental para a fenomenologia existencial de Heidegger que vai demonstrando o ser em relação e sendo tocado e se construindo conjuntamente com as pessoas, com as coisas e com ele mesmo, num movimento constante de abertura existencial.

Construindo-se, captando a si mesma ao longo de sua existência, assim a mulher vai surgindo para si mesma nos variados modos de ser que vier a fazer sentido em sua trajetória de vida. Pensando a maternidade, a autora Barros (2020, p. 132) em sua existência como mulher e também mãe e aponta para a direção que encontrou para se descobrir mulher e mãe buscando a si mesma em suas dores, sendo honesta consigo mesma.

#### 4. A MATERNIDADE COMO MODO POSSÍVEL, NÃO RESTRITIVO, DE SER MULHER

Um projeto de vida onde a mulher busca se tornar mãe, caminha entre suas vontades, seus desejos, no sentido em que seus sonhos a fazem ser também quem ela é, assim como pelo contexto em que esta mulher está inserida. Quando já dentro da relação, mãe, marido, filho, ela se tornaria aos olhos de Badinter (1985) uma “personagem relativa e tridimensional”, no sentido de que esta mulher tem para além do esposo e filhos seus anseios, e de que ela só é, pois se concebe em relação ao pai e ao filho. Pensando na mulher se construindo com relação a seus anseios, a seu poder-ser mulher, Lua Barros como mulher e mãe aponta na direção do construir-se ou fazer sentido ser enquanto mulher e mãe, quando diz:

Ser mãe ou pai não é um destino nem um instinto. Um filho é um desconhecido, um mundo novo que precisamos desbravar sem rotas ou mapas. À medida que o tempo passa, essa viagem revela paisagens internas nunca vistas. (Barros, 2020, p.14).

Assim sendo, a maternidade não pode ser considerada algo natural da mulher, uma mulher não nasce mulher, nem mãe somente por seu sistema reprodutor. Este seria um fator que compõe o corpo de uma mulher pensando em termos biológicos apenas. Ao tornar-se mãe, essa mulher passa por seus desejos e questões culturais, como os modos de pensar a mulher e seu corpo. Para assim poder escolher ser mãe.

Um dos caminhos de escolha para si é o da maternidade, é o de construir-se mãe, de tornar um sonho uma realidade e compreender ao longo desse sonho, sua concretização e tão logo as transformações que a maternidade traz consigo nesse projeto de vida.

O caminho até o querer a maternidade traz à tona os sonhos que se tem, as possibilidades de si mesma não como única, mas como uma das que se vê sendo mulher; mesmo quando ainda não se é mãe, mas se pode visitar seus sonhos como mãe. Brincando com sua imaginação de ser mãe, com suas vontades e inquietudes do não ser e querer ser esta que cuida de um outro. Como discorre muito levemente Pompéia (2010), falando sobre arte e existência

e a abertura existencial que faz daquilo que ainda não é, se apresentar como um modo possível do vir a ser. Para a mulher, é possível que ela queira ser mãe, mesmo quando ainda não se é mãe. É possível que ela conquiste seu espaço no mundo e dentro de si através desse querer ser.

Vejamos que a busca de si mesma como construção se opõe à ideia de que a mulher anula a si mesma em prol da maternidade. Ou que exista apenas um tipo de amor materno. Mas existindo modos possíveis de ser, assim existem mulheres e mães possíveis. Assim como o que sentem pelos filhos não é um amor materno universal. Badinter (1985), sobre o amor materno, afirma que o amor não é universal, existem variados tipos, mesmo aqueles que podemos querer negar, como a mãe que não tem sentimento, que não sente esse amor pelo filho, e a mãe que tem um amor muito grande pelo filho. Mulher, mãe, fonoaudióloga e escritora sobre maternidade, Vilarinho (2017) questiona: “Nós somos diferentes, por que nossas maternidades não o seriam?”. Um tornar-se plural e muito diverso é esse caminho até querer a maternidade e vê-la acontecendo.

Pensar em pluralidade da mulher, escolhas, cultura, há quem faça outras escolhas e não a maternidade, há quem faça essa não escolha pela maternidade e pela família, não buscando nem um, nem outro, conforme aponta Spink (2010):

Também a família está sendo destradicionalizada. Anteriormente referi-me à família como o núcleo feudal da sociedade industrial. Mas hoje sabemos que não basta abrir a porta e dizer para as mulheres: saiam para trabalhar! Isso não destrói necessariamente o que Beck refere como núcleo feudal da modernidade clássica. Gera as duplas jornadas, as triplas jornadas, mas cria novas possibilidades de sobrevivência que são menos vinculadas e dependentes do homem. (Spink, 2010, p.6)

Esse momento importante na vida de uma mulher, de querer ter um filho, de se disponibilizar para esta criança, para sua relação com ele e suas outras responsabilidades como o trabalho, sua vida social, se faz importante na vida dessa mulher e mãe, quando esta pode escolher por isso, não sendo alguma coisa que é imposta a ela, como Freire (2005) pontua: “A ação cultural, ou está

a serviço da dominação - consciente ou inconscientemente por parte de seus agentes – ou está a serviço da libertação dos homens” (p. 207).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Maternar pode passar por caminhos que se entretecem, caminhos estes que são indispensáveis num pensamento crítico, quando se busca uma compreensão que vai além dos desejos da mulher, mas que se pensa criticamente esse caminhar da maternidade até que se venha a parir um filho e após essa concretização.

Esse caminho da maternagem pode ser localizado num espaço e tempo culturalmente patriarcal, onde os desejos e anseios daquela que se torna mulher constrói-se de forma que ela possui aspectos objetificantes e achatadores dela enquanto corpo, mulher, desejos, tendo de sempre corresponder a um papel que a sociedade quer dela enquanto sujeito. Trazendo essa ideia à tona, podemos ver o peso que essa ideia de mulher sem ser um sujeito de si mesma tem para ela.

Ao passo que pensar a mulher enquanto abertura, como responsável por ser quem ela é, numa constante construção de si, de acordo com a fenomenologia existencial, é pensar ela em movimento, como inicialmente aquela que não nasce biologicamente somente por ser um corpo denominado feminino, mas ela nasce em sua abertura existencial, ao passo que se relaciona com ela mesma, se conhece, se revisita a cada se conhecer, assim como se relaciona com os outros, podendo esse outro ser um filho, ser um relacionamento amoroso, ser seu entorno cultural hábil para que se possam ocorrer mudanças sócio-históricas e se relaciona com as coisas, tudo que para ela vier a fazer sentido em seu relacionar-se, sendo possível que esta mulher possa vir a se construir enquanto mulher e mãe num movimento constante e de acordo com seus anseios, podendo ser uma mãe possível e não um modelo padronizado e esperado culturalmente da mulher e mãe.

Com essas pontuações, foi possível perceber a relevância do pensar si mesma em uma construção de mulher e mãe, para que se tenha liberdade de escolhas, de afeto, de que se questione padrões e rótulos, para seu crescimento e amadurecimento existencial, algo que se faz em conjunto, não precisando ser um caminho solitário, mas um constante porvir. Aquela que vai se tornando a

cada dia, a cada movimento, a cada relação e conhecendo quem ela é nesse movimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, H. **A condição humana**; tradução Roberto Raposo; revisão técnica e apresentação Adriano Correia – 13ed. Rev – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020.

BADINTER, E. **Um Amor conquistado: o mito do amor materno**; tradução de Waltensir Dutra. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARROS, L. **Eu não nasci mãe: o que precisei desaprender para aprender a ser mãe**. São Paulo, SP: Editora Nacional, 2020.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: fatos e mitos**/ Simone de Beauvoir; tradução Sérgio Milliet. -5. Ed. -Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: a experiência vivida**/ Simone de Beauvoir; tradução Sérgio Milliet. -5. Ed. -Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

EVANGELISTA, P. E. R. A. **A fundamentação metafísica da psicologia humanista à luz da fenomenologia existencial. Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 26, n. 2, p. 208-219, ago. 2020. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809686720200002000009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809686720200002000009&lng=pt&nrm=iso)>.

EVANGELISTA, P. E. R. A. **Algumas reflexões acerca da psicoterapia daseinsanalítica com pacientes psiquiátricos. Psicologia Revista**, n.25, v.1, 59–75, 2016.

EVANGELISTA, P. E. R. A. **Se Macabéa tivesse feito terapia... Considerações sobre a clínica daseinsanalítica**. Palestra apresentada na Associação Brasileira de Daseinsanalyse em agosto de 2007.

FELITTI, K. **Convertirse en madre: Etnografía del tiempo de gestación. Mora** (B. Aires), v. 19, n. 1, p. 00, jun. 2013. Disponível em <[http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1853001X20130001000009&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1853001X20130001000009&lng=es&nrm=iso)>.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante Schuback; posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 7. Ed – Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2012.

LORDE, A. **Uses of the Erotic: The Erotic as Power**, in: LORDE, Audre. **Sister outsider: essays and speeches**. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. p. 53-59.

NIETZSCHE, F. W. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

POMPÉIA, J. A.; SAPIENZA, B. T. **Na presença do sentido: uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas**. 2.ed – São Paulo: EDUC; ABD, 2010.

SPINK, M. J. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.